

“CÁMPORA AO GOVERNO PERÓN AO PODER”: AS EXPECTATIVAS DE TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-POLÍTICAS EM CARTAZES DA CAMPANHA ELEITORAL DA FREJULI, DE MARÇO DE 1973.

CAMILLA FONTES DE SOUZA*

1 APRESENTAÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar as análises de três cartazes de propaganda política, produzidos durante a campanha da FRJULI, de março de 1973, na Argentina. Considero que a campanha eleitoral daquele ano foi um marco simbólico, no que se refere às expectativas e projeções para uma transformação nacional e à união de forças políticas para alcançá-la, após os seis anos do governo ditatorial da Revolução Argentina (1966-1973) e de dezoito anos de proscrição do peronismo na vida política institucional do país. Os cartazes selecionados trazem as representações deste momento, suas críticas àquele presente e as promessas para um novo futuro. Aproveito as representações das promessas de campanha para analisar, brevemente, as realizações do governo Cámpora.

Sobre a natureza dos cartazes como fontes visuais para fazer uma análise em história política, considero importante adiantar algumas observações metodológicas. De acordo com Abraham Moles, ao utilizar de certas técnicas de produção gráfica e um determinado suporte – os muros e paredes públicos ou privados –, o cartaz de propaganda pretende apresentar “a comunicação de mensagens entre o organismo e a massa”, de forma objetiva (MOLES, 1978, p.46-47). Utiliza, para tal, elementos disponíveis na cultura em que ele é criado e circula. Moles aponta que

[...] se nossa cultura é tudo o que, numa certa época, está inscrito de modo permanente em nossa memória para condicionar nossas reações, o *cartaz de propaganda* sugere uma imagem da cultura que é retomada integralmente, tornada mais sutil e mais profunda. (MOLES, 1978, p. 47. Grifos do autor)

Segundo Arnau Carulla e Jordi Carulla, o cartaz é um “testemunho gráfico que deve ser considerado como fonte primária da história com tanta força e razão como a documentação oficial” (CARNULLA; CARNULLA, 1997, p. 12). Por suas características formais específicas, esta fonte exige interpretações das relações entre arte e política, texto e imagem,

* Mestranda em História Social pelo Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Pesquisa sob a orientação da Profª Drª Gabriela Pellegrino Soares (FFLCH-USP). Recebe financiamento da agência de Fomento à Pesquisa Acadêmica do Estado de São Paulo (FAPESP).

ideias e representações, forma e conteúdo. As imagens e mensagens contidas nos cartazes de propaganda política da campanha da FREJULI traduziam as críticas ao governo da Revolução Argentina (1966-1973); convocavam a população para reflexões, debates e ações; e representavam as definições de seus autores sobre os projetos políticos pretendidos para o país.

Desta maneira, estas fontes recompõem, de maneira original, um processo político decisivo para a história argentina do século XX. Possibilitam, com sua análise, observar as representações feitas em um período de radicalizações de posicionamentos políticos na Argentina. Ao mesmo tempo, o texto pretende abrir espaço para a reflexão sobre um governo que trouxe para a esfera institucional os conflitos ideológicos que, até então, se manifestavam nas ruas de todo o país.

2 VOLTA AO GOVERNO CONSTITUCIONAL

Um anseio importante e, presente no imaginário argentino, era o de alcance da prosperidade e do equilíbrio nacional. A ideia de *nação* vigorava com força no período e compreendia um corpo orgânico, coeso e homogêneo. Esta concepção, que ganhou forma e corpo durante o primeiro peronismo, foi manipulada ao longo das décadas de 1960 e 1970 e, sob ela, se desenvolveram os mais distintos grupos de força política, que competiam e se confrontavam, em seu nome. Durante os anos da Revolução Argentina (1966-1973), estas forças entraram em confronto aberto na sociedade. Estes confrontos comprometeram as estruturas institucionais do país. Em novembro de 1970, a declaração “La Hora del Pueblo” – elaborada e assinada pelos principais líderes políticos peronistas, radicais e outros –, denunciava a desnacionalização da economia, exigia a volta das instituições políticas e a devolução à população de sua soberania. O documento expunha as ideias e críticas que solaparam o regime militar. Sua publicação sinalizava a necessidade de articulações políticas para uma transição de governo, que deveria ser realizada com cuidado e controle de quais grupos e agentes políticos participariam da próxima etapa política.

É sobre este cenário de transição que se deu a campanha e vitória de Héctor Cámpora e, especialmente, onde foi realizada a estruturação do movimento peronista com as múltiplas correntes político-ideológicas que compunham a base de sustentação do Partido Justicialista

(PJ).¹ Esse processo político, em que se articularam forças institucionais e grupos armados da esquerda peronista possibilitou, em seguida, o retorno de Perón ao cenário político argentino, em meados de 1973.

Com o desgaste do governo ditatorial e a crescente onda de violência cívico-política, de maneira geral, circulava no país a crença de que o movimento peronista não somente agregava as diferentes ideologias que se encontravam em enfrentamento aberto, durante a ditadura, como também havia um consenso de que Perón exercia um poder de autoridade incontestável sobre seus seguidores. Assim, sobre sua figura se projetavam as expectativas de estabilidade para trabalhadores, estudantes e de industriais. De acordo com Guillermo O'Donnell, o discurso e o tratamento que Perón mandava do exílio aos distintos setores aliados, foi interpretado como a demonstração de maleabilidade no trato com os grupos políticos, o que atraía a confiança por um “peronismo sensato” (O'DONNELL, 1990, p. 408). Ainda nas palavras do autor,

[...] nesses anos, o peronismo – um movimento da sociedade civil hostilizado, reprimido e marginalizado pelo aparelho estatal – chegou a ser o lugar onde, ali e não no aparelho estatal, cruzaram-se quase todas as linhas de conflito da sociedade – inclusive as suas classes, suas linhas políticas e não pouco da sua violência. Convergência extraordinária, fonte de inexplicável assombro se não for vista como produto da constelação de fatores [...]: a tradição popular de expressar dinamicamente o peronismo; a desorientada retirada da grande burguesia e das Forças Armadas após o espetacular colapso do BA [Estado Burocrático-autoritário da Revolução Argentina]; a louca idolização da violência [...]; os códigos de medo e silêncio que tanto opacaram e distorceram o cenário político; a adesão tão radicalizada quanto ambígua de setores médios ao peronismo; e o crescente estreitamento de uma operação, como a de Lanousse que pressupunha, ou que Perón entrasse no “Grande Acordo Nacional”, ou que estivessem em alguma parte os partidos e os votos necessários para competir eleitoralmente com o peronismo (O'DONNELL, 1990, p. 409-410).

O que se verá, a seguir, refere-se à chegada ao governo desta “convergência extraordinária” de ideologias, projetos e concepções políticas e de futuro para a Argentina. Em especial, de como a eleição de Héctor Cámpora foi o epicentro de um movimento político

¹ Diferencio *justicialismo* e *peronismo*. Compreendo o primeiro como a forma legal e institucional do fazer político, sob a orientação e as diretrizes do Partido Justicialista. Em contrapartida, o peronismo é um movimento político, muito mais amplo do que o partido. Agrega grupos que não se filiaram ao PJ por motivos de discordância das diretrizes de ação do partido, ou por discordâncias propriamente ideológicas. O debate sobre as distintas compreensões do que era o peronismo e suas mudanças interpretativas, ao longo dos anos e de acordo com cada grupo que se auto-intitulava “peronista”, é demasiadamente extenso. Restrita aos objetivos desta pesquisa, no segundo capítulo tentarei caracterizar alguns desses grupos e de suas orientações, mas compreendo que o farei de forma introdutória e restrita às finalidades desta pesquisa.

que previa a união destes projetos e, também, a dificuldade que seu governo encontrou para lidar com o mosaico ideológico que compunha a base de sustentação governamental.

3 CÁMPORA AO GOVERNO

Pela primeira vez, após dezessete anos de exílio, Perón voltou à Argentina, em novembro de 1972. Por determinação do governo militar, permaneceu longe da mídia e das forças populares que esperavam seu retorno. Esta primeira passagem pelo país durou menos de um mês e logo o líder seguiu para o Paraguai. Durante as semanas em que esteve em solo argentino, Perón articulou alianças políticas e sindicais e fez acordos com partidos menores. A união dessas forças políticas deu origem a Frente Justicialista de Liberación (FREJULI), que lançaria um candidato próprio nas eleições de março de 1973, a revelia do acordo feito com o governo militar.²

O compromisso de Perón com o governo da ditadura foi o de não participar da campanha. Assim, para a primeira eleição em que o peronismo concorreria oficialmente, desde 1955, a FREJULI apresentou como candidatos a presidência e vice-presidência Héctor Cámpora, do PJ, e Vicente Solano Lima, do Partido Conservador Popular (PCP), respectivamente. Cámpora era um conhecido político, fiel a Perón, quem, desde 1971, trabalhava na reorganização do movimento peronista. Sob sua orientação, foi criada a Juventud Peronista (JP), representando o crescente peso da esquerda peronista, em particular a organização político-militar Montoneros. No final da Revolução Argentina, com a volta dos partidos, Cámpora promoveu a filiação massiva de distintos setores sociais ao Partido Justicialista, fato que contribuiu, consideravelmente, para sua vitória em 1973. Solano Lima, do outro lado, também era um político de estreitas ligações com Perón, durante seus anos no exílio madrilenho. A chamada “fórmula Cámpora-Solano Lima” sintetizava o poder de fusão entre a esquerda e da direita, presentes internamente no peronismo. Mais do que uma união

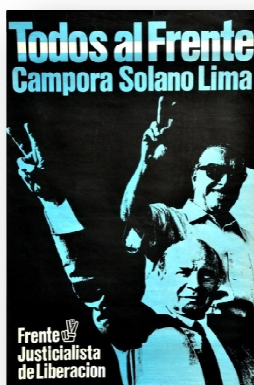
² Além do PJ, a FREJULI reunia também o Movimiento de Integración e Desarrollo, o Partido Popular Cristiano, o Partido Intransigente, o Partido Revolucionario Cristiano, o Partido Comunista e a Unión del Pueblo Argentino. Os últimos quatro saíram da coalizão, ainda em 1972 e criaram a Alianza Popular Revolucionaria para concorrerem nas eleições de março do ano seguinte. (FRANCO, 2012, p. 37).

Segundo Inés Izaguirre, as alianças que deram origem a FREJULI de 1973, entre as militâncias peronistas, sindicalistas e dos partidos de esquerda tradicionais (Partido Comunista e Partido Socialista), foram as mesmas, rearticuladas e ampliadas, que garantiram a vitória eleitoral nas campanhas para governadores na década de 1960. (IZAGUIRRE, 2009, p. 75). Essa constatação indica que, havia aproximadamente uma década, Perón e o peronismo se articulavam com as demais forças políticas proscritas, especialmente as de esquerda, sobre o possível projeto da “Revolução Nacional”.

intraperonista, esta aliança era a expressão da possibilidade de união de distintas forças políticas sob um único projeto de nação, o projeto peronista.³

Desde a formação da FREJULI, em novembro, o sentido destas candidaturas era claro e estava apresentado na campanha. A propaganda eleitoral sugeria promessas de mudanças sociais, por meio da “revolução nacional”, possível após a vitória do peronismo e do retorno de Perón, em seguida. A expectativa sobre a vitória que traria o líder de volta foi sintetizada nas frases de ação “Dependência ou liberdade”; “Cámpora ao governo, Perón ao poder”; e “Perón Vuelve”. Ainda, sob as articulações da JP e dos Montoneros – estes em disputa aberta com os neoperonistas –, os ditos se prolongavam em “Luche y Vuelve” e “Perón o Muerte” (GASPARINI, 2008, p. 44).⁴

O primeiro documento da campanha traz elementos importantes que sintetizam a atmosfera da fórmula Cámpora-Solano Lima:



Documento 1 “Todos al Frente”. 1972

Na parte superior, do cartaz de campanha, lê-se: “Todos para Frente Cámpora-Solano Lima”.⁵ Abaixo, destaca-se a fotografia dos candidatos. A autoria do cartaz está na parte

³ Essa análise da união nacional sob um projeto político que transcenderia a experiência autoritária prévia é corroborada pelas observações sobre a vitória de Cámpora feitas por Alejandro A. Lanusse. Citado por Guillermo O’Donnell, afirmou o ex-presidente: “Acontece que a percentagem normal de votos justicialistas – possivelmente 35% - somaram-se aos de outros partidos da Frente Justicialista e a eles acrescentou-se todo o protesto antimilitar, especialmente o juvenil. Foi visível a virada dos sufrágios e foi visível que expressaram antes a antipatia por nós do que a simpatia por Perón ou Cámpora. Foi um trágico voto de castigo.” (grifo do original). (O’DONNELL, 1990, p. 412).

⁴ Os neoperonistas eram um grupo com base no sindicalismo ortodoxo, cujas práticas políticas prescindiam das opiniões e orientações de Perón, vindas do exílio do líder político. Por este posicionamento independente, o neoperonismo também era chamado de “peronismo sin Perón”.

⁵ Os conteúdos textuais dos cartazes estarão traduzidos no corpo do texto. As traduções para o português foram feitas pela autora.



inferior direita, Frente Justicialista de Liberación e, à sua esquerda, vê-se uma composição justaposta das letras “P” sobre um “V”, formando a sigla “PV”.

Predominam na imagem as cores da bandeira argentina, o branco e o azul, que ganham destaque sobre o fundo preto e evidenciam o caráter nacionalista da campanha. O texto superior está colorido horizontalmente, reproduzindo não apenas as cores, mas também sua disposição na bandeira nacional. Também na fotografia que ilustra o cartaz, o branco original foi colorido com azul, destacando as figuras dos candidatos. Estes têm as mãos direitas levantadas e fazem com os dedos um sinal de “V”.

Ao gesto registrado na imagem se atribui interpretações e sentidos, especialmente, à ideia de VITÓRIA. Em época de campanha eleitoral, como o da produção desse documento, o V ganha sentido duplo que associa a vitória eleitoral à indicação de VOTE, destinada ao observador/eleitor. Ainda, naquela eleição, este gesto ganhou um novo sentido agregado. A partir desta campanha o V passou a sintetizar, entre os peronistas, a evocação política “Perón Vuelve” e a sigla PV representava sua contração. Esta sigla ainda carregava um simbolismo importante daquele momento, compondo “uma síntese gráfica onde se unem o líder justicialista e a juventude de seu partido” (LOPEZ; MARCELA, 2007).

É possível identificar quatro elementos simbólicos que sintetizam o projeto de união nacional, encabeçado pela FREJULI, nesse cartaz eleitoral. São eles: 1) as cores da bandeira argentina; 2) a palavra “todos”; 3) o gesto único, mas de múltiplos sentidos, da letra V; e 4) a execução desse gesto pelos candidatos que representam as alas progressista e conservadora do PJ. Este conjunto de códigos que compõe a mensagem reforça a expectativa da época sobre o que viria a ser o governo de Cámpora: a promessa de conciliação das distintas forças políticas que em estavam confronto umas com as outras, ao mesmo tempo em que eram opositoras do governo autoritário; e a pacificação e exultação nacional em nome do projeto peronista. Sobre a conjunção destes elementos, o PV e o gesto dos dedos em V, projetam a presença fantasmagórica de Perón que voltaria com a vitória da Frente.

Mesmo que a presença de Solano Lima conferisse o tom de segurança e de possível estabilidade para os setores mais conservadores, o programa da Frente vinha ao encontro dos projetos dos grupos da esquerda tradicional e da esquerda peronista, que compunham a sua base de apoio. Entre outros pontos, as pautas para a “reconstrução nacional” estabeleciam a nacionalização do comércio exterior; a reforma agrária; a co-gestão dos trabalhadores na direção e administração das empresas, propiciando um regime cooperativo no campo e a

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

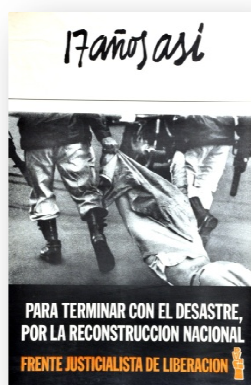
Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

autogestão da indústria; a reforma do sistema financeiro, para reverter a desnacionalização das entidades de crédito privado dos anos anteriores; o restabelecimento das relações diplomáticas e comerciais com Cuba; a anistia para os presos políticos; a eliminação da legislação repressiva; e a condenação oficial da tortura.⁶ Com estas pautas, os setores mais radicalizados à esquerda do peronismo ratificaram seu apoio a Cámpora, já que o caminho eleitoral, definido pelo “verdadeiro Perón”, era a estratégia política que garantiria o retorno do líder e, com ele, da autonomia dos trabalhadores, para só então promover a “Revolução Nacional” (O’DONNELL, p. 414).⁷

De acordo com as concepções da esquerda peronista, setor mais destacado na base que sustentou a eleição de Cámpora, “[...] o peronismo era uma força revolucionária, que sob a condução de Perón havia iniciado um processo de libertação interrompido em 1955” (ALTAMIRANO, 2001, p. 91). Sob esta crença, não apenas o líder peronista havia sido desalojado do poder, mas também o povo argentino tinha perdido sua autonomia e primazia nos processos nacionais. Somente com o regresso do peronismo essa situação poderia ser revertida. Esta constatação carregava a crítica àquele momento que vivia o país. Nos próximos dois cartazes da FREJULI, é possível observar esta ideia e, juntamente com ela, a esperança de transformação futura com a vitória da Frente.



Documento 2 “17 años así”. 1972

⁶ O programa está disponível na íntegra em: <http://www.ruinasdigitales.com/blog/pautas-programaticas-para-el-gobierno-justicialista-de-la-reconstruccion-nacional/> (consulta em agosto de 2012)

⁷ Nos discursos dos anos 1973 e 1974, Perón evoca o caráter singular do país e, por tanto, de “nuestra revolución” que seria uma “revolução em paz”. Esses discursos estão em: <http://www.ruinasdigitales.com/discursos-de-peron-1972-1974/> (consulta em agosto de 2012).



Documento 3 “17 años así”, 1972

Em uma disposição que intercala texto e imagem, os elementos gráficos dos cartazes são: texto introdutório; fotografia, ao centro; texto conclusivo; e autoria, que indica a opção política para onde se deseja persuadir. Os textos trazem como conteúdo: “17 Anos assim – Para terminar com o desastre – Pela reconstrução nacional – Frente Justicialista de Libertação”. A frase-título introduz e evoca o sentido da denúncia, que está representada nas fotografias centrais, ao mesmo tempo em que antecipa a concepção de seus autores sobre os (até então) dezessete anos de proscrição política do peronismo.

A tradição no país de fazer críticas públicas em pichações e *graffitis* está representada na adoção tipográfica da *pintada* para o texto do título.⁸ A escolha estética pela *pintada*, feita na propaganda, busca identificar-se com o público familiarizado com essa forma de manifestação, ao mesmo tempo em que se soma o conteúdo de denúncia e de crítica política, comum nesse repertório visual. A mensagem elaborada buscava convencer o futuro eleitor de que a FREJULI reconstruiria a nação e terminaria com o “desastre” dos últimos anos. O nome da Frente em caixa alta laranja sobre o fundo preto desempenha um sentido simbólico importante para fins propagandísticos, em uma disputa eleitoral. O estímulo provocado pelo laranja, na composição das cores, cumpre a função de atrair os observadores/eleitores indecisos (MOLES, 1978, p. 95).

Além das mensagens objetivas dos textos, cada um dos cartazes traz uma fotografia, ao centro, que ilustra os anos avaliados pela Frente como desastrosos. No Documento 2 a imagem que desempenha esta função é uma foto onde se identifica dois policiais, da cintura para baixo, de costas e armados. Ambos arrastam um homem. A crítica ao governo está em

⁸ *Pintada* era o jargão daqueles anos para os *graffitis* políticos feitos nas ruas (INDIJ, 2006, p. 20).

sua associação com os policiais e se manifesta, na imagem, da forma violenta como pegam o homem pela roupa, até quase arrancá-la, enquanto arrastam-no pelo chão. Observa-se a metáfora do discurso opositor, cujo conteúdo afirmava que as forças governamentais agiam sobre o povo, que era “arrastado” contra a sua vontade e tinha um futuro incerto sob as ações do governo repressivo, tal como o homem da fotografia. Objetivamente, a realidade apresentada na fotografia trata dos conflitos entre a sociedade e o governo e da espiral crescente de violência cotidiana, iniciada em 1969.⁹

A resposta institucional para os levantes populares estava prevista desde 1968, em um documento chamado *Operaciones psicológicas*. Segundo Inés Izaguirre, as diretrizes destas operações foram estabelecidas após o término do treinamento doutrinário de setores das Forças Armadas argentinas na Escola Francesa de Guerra Revolucionária e configurariam traço central dentro das Forças até a ditadura seguinte. Neste documento

[...] estavam previstas ‘todas as ações compulsivas, persuasivas e sugestivas assim como os métodos, técnicas e meios’ ilegais que caracterizaram o terrorismo de Estado, desde a sabotagem até a tortura de prisioneiros e sua clausura em campos clandestinos, caracterizadas não como tal, obviamente, mas como *operaciones sociológicas não convencionais* (IZAGUIRRE, 2009, p. 84).

Enquanto o governo militar compreendia o campo popular como subversivo e, numa perspectiva de guerra, como um inimigo, impondo sobre ele técnicas repressivas tais como o combate, o controle e a prisão, a proposta eleitoral da FREJULI o reconhecia como a base de sustentação para a reconstrução nacional. No cartaz, ao associar a violência policial com o governo, de forma análoga o homem agredido da fotografia tornava-se toda a população argentina e a FREJULI tornava-se o observador crítico que, consciente daquela situação, era capaz de transformá-la.

O Documento 3 traz a imagem de uma criança sobre um fundo branco. Segundo Abraham Moles, a escolha estética por uma figura sem o seu entorno, como no caso da foto do cartaz, traz os conceitos de corte e de isolamento, com “ausência de gravidade, continuidade e fechamento da forma” (MOLES, 1978, p. 98). Esta caracterização do autor nos ajuda analisar as mensagens implícitas na imagem da criança que ilustra os “dezessete anos de

⁹ Me refiro ao *Cordobazo*, ao *Rozario* e aos demais levantes populares, iniciados em 1969, que ficaram conhecidos como *azos* e *puebladas*.

desastre”, de acordo com seus elaboradores. Apresenta-se uma criança de traços indígenas, com olhar desolado para o observador. É possível que a escolha desta criança queira associar seus traços com os povos originários, latino-americanos que, nos discursos da esquerda da época, representavam a exploração nacional pelos interesses do capital internacional.

Estes interesses se manifestaram na economia argentina nos índices de investimento. No período entre 1967 e 1969, o fluxo de capitais foi intenso apenas nos investimentos de retorno imediato, enquanto os investimentos e empréstimos em longo prazo foram nulos, assim como também os investimentos diretos. Esses dados geraram críticas dos setores econômicos nacionalistas que argumentavam que o governo praticava um “entreguismo”, orientado em benefício do capital transnacional (O’DONNELL, 1990, p. 153-202). O período também foi marcado pela queda acentuada da produção agrícola, tornando-o o primeiro setor o principal prejudicado daqueles anos. De forma geral, houve um aumento da produção industrial do período, associado ao aumento da taxa de exploração, ou seja, a diminuição do valor do salário diário. Entretanto, se alguns setores econômicos se beneficiaram durante o período, os impactos desfavoráveis do programa econômico da Revolução Argentina se dirigiram contra o setor popular. Segundo analisa Guillermo O’Donnell, regiões inteiras foram marginalizadas dos circuitos de acumulação nacional, durante o triênio (O’DONNELL, 1990, p. 191). Crítico a esta realidade, o plano de governo peronista previa por fim à dependência dos interesses do capital estrangeiro e garantir uma maior autonomia ao capital nacional. Esta proposta do governo atraía, também, os setores conservadores e tradicionais da economia argentina.

Assim, é possível inferir que o cartaz busca relacionar o aspecto material apresentado pela figura da criança – traços físicos, roupas e postura – com a situação econômica dos setores mais pobres do país. Como afirmei, a escolha estética pela a fotografia recortada, que destaca apenas a criança fora de um ambiente determinado, relaciona-se à representação de insegurança e de desamparo social, cujos motivos estão no campo econômico.

Além deste universo de representações econômicas explorado, a imagem evoca outros elementos simbólicos, desenvolvidos durante o período peronista clássico (1945-1955). De acordo com Maria Helena Capelato, o peronismo produziu uma propaganda voltada para a representação humana, cujo sentido metafórico e alegórico enaltecia os valores de justiça social (CAPELATO, 2009, p. 63 e 276). Soma-se a estas representações a evocação da ideia de povo-nação: aquele desprotegido e desamparado pela ausência, de seu “pai”, líder e

“amigo”, Perón.¹⁰ Além desse repertório simbólico peronista, o signo da criança também carrega outros sentidos mais genéricos e profundamente internalizados na cultura ocidental e que dialoga com a mensagem do cartaz. Segundo Jean Chavaliere e Alain Gheerbrant,

A criança traz a representação do futuro, porém de um futuro baseado na ‘simplicidade natural’, na ‘espontaneidade’ que pode indicar ‘uma vitória sobre a complexidade a ansiedade, e a conquista da paz interior’, da ‘autoconfiança’ (CHAVELIER; GHEERBRENT, 1994).

Relacionados, os sentidos da figura da criança podem comunicar que o presente de carência e o descaso das autoridades com os setores mais frágeis e vulneráveis do país encontrará, no retorno do peronismo, o conforto e amparo social que estes segmentos demandavam. Ao mesmo tempo em que denuncia, por inferência, que a sociedade está abandonada e “pede” ajuda, ou atenção – imagem reiterada pelo olhar da menina, na foto –, aponta que a resposta a este pedido e a “vitória futura” se dará com a eleição da FREJULI.

O último elemento gráfico apresentado no documento analisado é a figura da mão que faz do gesto do PV, registrando a autoria para a JP. Na escolha deste símbolo reforça-se a mensagem de que Perón estava unido ao povo argentino, mas, especificamente, que o líder estaria comprometido com as futuras gerações.

Apesar da forte referência crítica ao governo militar, os cartazes sugerem, como propaganda eleitoral, que o presente de violência e de desamparo em que estava o país era consequência do período de proscrição política do peronismo. As articulações entre o texto e as imagens compõem a denúncia do “desastre” e da “destruição” social, ao mesmo tempo em que anunciam um futuro de transformações.

Já na noite de sua posse, e como forma de assinalar o rumo e o compromisso do governo com a base que apoiou sua campanha, Cámpora atendeu uma demanda política importante da esquerda peronista ao anistiar mais de trezentos presos políticos. Além deste ato profundamente representativo, durante as semanas que duraram seu governo, o presidente derrubou leis especiais de segurança nacional que orientaram ideologicamente o governo da Revolução Argentina, como as leis de repressão ao comunismo, de mobilização militar da

¹⁰ A construção da imagem de Perón como “pai e amigo” do trabalhador/povo teve o sentido de reiteração do poder político das camadas trabalhadoras argentinas. Essa reiteração conferiu grande poder de adesão e apoio das massas no governo peronista (1945-1955) e permaneceu, como se percebe, como paradigma da participação política no país. (CAPELATO, 2009, p. 63-66). Na campanha de 1973, pode-se afirmar que a figura de Cámpora, como o candidato peronista, acabava encarnando o justicialismo e o próprio Perón, ausente.

população civil, de pena de morte e de controle do “terrorismo” e da “subversão”. As medidas legais para a eliminação das perseguições e proscricções políticas conferiram ao governo o apelido de “primavera comporista”, atribuído pelos militantes das esquerdas. O presidente também procurou trazer para o âmbito institucional os conflitos entre sindicatos e indústrias firmando um acordo entre a CGT e a Confederación General Económica (CGE) chamado “Compromiso para la Reconstrucción y la Liberación Nacional” (BONAVENA, 2009, p. 157).

Apesar de seus esforços, o anseio popular de que o presente democrático eliminasse o passado de violência social estava longe de ser real. Ainda que em menores proporções, os conflitos não cessaram e, como aponta Augusto Bonavena, “muitas vezes, ao contrário, pareciam se acentuarem” (BONAVENA, 2009, p. 157). Após a liberalização política e a anulação das medidas repressivas do último governo militar, ocorreram centenas de ocupações de instituições públicas e privadas como hospitais, universidades e empresas. O clima gerado pelas ocupações não depôs a favor do novo governo. Ao contrário, tendo sido iniciadas assim que se anunciou a vitória de Cámpora, durante os 49 dias que durou seu governo, ocorreram mais de 691 tomadas de instituições, buscando o fim do ‘continuismo’ e a renovação da condução das instituições do país.

Ao final da leitura dos três cartazes selecionados, percebe-se que seus elaboradores pretendiam apresentar a solução efetiva para as denúncias feitas: a Frente Justicialista de Liberación traria fim àquele cotidiano de violência, descaso e desamparo e promoveria a “reconstrução nacional”.

Entretanto, a medida que caminharam os dias do governo, ficava cada vez mais evidente que o arranjo político formador da FREJULI envolvia uma diversidade ideológica e de interesses que se projetaram nacionalmente assim que governo teve início e foram, ao longo do período, se aprofundando. Essas contradições não apenas prejudicaram a implantação da promessa de “pacificação social”, como também foram determinantes para o fim do governo de Cámpora.

A renúncia do presidente e de seu vice, após 49 dias de governo pode ser vista como uma estratégia elaborada por Perón, desde a formação da FREJULI em novembro de 1972. Entretanto, haviam tensões e fatos pontuais que nos auxiliam a pensar um pouco além. O primeiro fator, mais evidente, seria a falta de autoridade de Cámpora para por fim aos

conflitos intraperonistas e aplacar o movimento sindical e o revolucionário. Sob esta perspectiva, como pude demonstrar, a influência e a autoridade política de Perón foram consideradas um mal menor, em nome do controle social.

Neste cenário de acirramento dos conflitos e de crescente condenação pública à instabilidade política, cresceram as pressões para a saída de Cámpora e de Solano Lima do governo, especialmente dentro do peronismo. Se o peronismo *per se* não era capaz de unir as correntes ideológicas internas ao movimento, acreditava-se que Juan Domingo Perón era aquele que poderia, em definitivo, trazer o equilíbrio de volta para a nação. Assim, o presidente e seu vice renunciaram com menos de dois meses de governo e Perón retornou definitivamente à vida política argentina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTAMIRANO, Carlos. **Bajo el signo de las masas**. Buenos Aires: Ariel, 2001.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: Enciclopédia Einaudi. Vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional. Casas da Moeda, 1985.
- BASUALDO, Victória. *Derivaciones posibles para la polémica de Oscar de Barco: reflexiones para una agenda de investigación*. Em: **Políticas de la memoria**. Revista do CeDInCI, nº6/7, 2006/2007.
- BAYER, Osvaldo e Outros. **El terrorismo de Estado en la Argentina. Apuntes sobre su historia e consecuencias**. Buenos Aires: Instituto Espacio para la Memoria, 2001.
- CALVEIRO, Pilar. **Política y/o violencia. Una aproximación a la guerrilla de los años 70**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2005
- CAMARGO, Sônia de; OCAMPO, Maria Vásquez. **Autoritarismo e democracia na Argentina e no Brasil: uma década de política exterior (1973-1984)**. São Paulo: Convívio, 1988.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- _____; DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Representação política. O reconhecimento de um conceito na Historiografia brasileira. In: FLAMARIOR, Ciro; MALERBA, Jurandir (orgs.). **Representações: contribuição em um debate transdisciplinar**. Campinas: Papirus, 2000.
- CARNULLA, Arnau; CARNULLA, Jordi. **La guerra civil em 2000 carteles**. República, Guerra Civil, pós-guerra. Vols. I e II. Barcelona: Postermil, 1997.
- CERNADAS, Jorge; TARCUS, Horácio. *Las izquierdas argentinas y el golpe de 24 de marzo de 1976. Una selección documental*. Em: **Políticas de la memoria**. Revista do CeDInCI, nº6/7, 2006/2007
- CHARTIER, Roger. **História cultural, entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1988.
- CHAVELIER, Jean; GHEERBRENT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Mitos sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1994.
- DALMÁS, Carine. **Brigadas Muralistas e Cartazes de Propaganda da Experiência Chilena**. (1969-1973). 2006 Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política**. 2 ed., São Paulo: Divisão Européia de livro, 1961.
- FRANCO, Marina. **Un enemigo para la nación: orden interno, violencia y subversión, 1973-1976**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- GASPARINI, Juan. **Montoneros: final de cuentas**. La Plata: De la Campana, 2008.
- GASKELL, Ivan. “História das imagens”. In: Peter Burke (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



IZAGUIRRE, Inés y Colaboradores. **Lucha de clases, guerra civil y genocidio em la Argentina. 1973-1983.** Buenos Aires: Eudeba, 2009.

LINS, Juan J.; STEPAN, Alfred. **Transição e consolidação da democracia: A experiência do sul da Europa e da América do Sul.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LINDEN, Sophie Van Der. **Para ler o livro ilustrado.** São Paulo: Cosac & Naif, 2011.

LÓPEZ, Marcela; KOGAN, Gabriela. **Quiera el pueblo votar: un siglo de campañas políticas en imágenes.** Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2007.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LVOVICH, Daniel; BISQUERT, Jaquelina. **La cambiante memoria de la dictadura: discursos públicos, movimientos sociales y legitimidad democrática.** Buenos Aires: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2008.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo: vol. 23, nº 45, p. 11-37, 2003.

_____. *O fogão da sociedade anônima do gás. Sugestões para uma leitura histórica da imagem publicitária.* Em: **Projeto História (História e Imagem)** nº 21, São Paulo:2000, p. 105- 119.

MOLES, Abraham. **O cartaz.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

O'DONNELL, Guillermo. **Análise do Autoritarismo Burocrático.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **Contrapontos.** São Paulo: Edições Vértice,1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o imaginário. In: **Revista Brasileira de História,** São Paulo: v. 15, nº 29, 1995, p. 09-20.

RÉMOND, René. **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

ROMERO, J. Luis. **Breve História de la Argentina,** Buenos Aires: Tierra Firme, 1996.

_____. **Las ideas políticas en Argentina.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1998.

TARCUS, Horácio. *Notas para uma razão instrumental. A propósito do debate em torno da carta de Oscar Del Barco.* Em: **Políticas de la memoria.** Revista do CeDInCI, nº6/7, 2006/2007.

TERÁN, Oscar. **Nuestros años sesenta: La formación de la nueva izquierda intelectual en La Argentina 1956 - 1966.** Buenos Aires: Puntosur,1991.

VEZZETTI, Hugo. **Sobre la violencia revolucionaria.** Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

_____. **Pasado y presente. Guerra, dictadura y sociedad en la Argentina.** Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2002.